

GAUDÊNCIO TORQUATO

É próprio de uma cultura politicamente subdesenvolvida eleger fatos secundários como principais, exacerbar situações e superpor camadas emotivas à superfície da racionalidade. A queda da ministra Zélia é o exemplo mais próximo da tortuosidade com que se procura confundir causas e consequências de decisões políticas. Pois bem, ao contrário do que se pode imaginar, numa primeira leitura, a saída da ministra Zélia fará um enorme bem a ela, ao governo e ao País. Ela não é uma Joana D'Arc como a mídia está pintando. O acontecimento não constitui uma hecatombe e sua defenestração não ocorre em função de trombadas com outros elementos do governo.

O país de Zélia Cardoso de Mello, convenhamos, é um território de artificialidades, construído com uma engenharia de emoções, idealismo e razoáveis pitadas de ingenuidade. Uma espécie de presépio montado sobre uma base de palitos de fósforo, prontos a queimar a qualquer momento. Os planos de sua equipe, teoricamente bem-estruturados, não levaram em consideração o País real, a diversidade de nossas relações políticas, as especificidades regionais e, evidentemente, as doenças crônicas que for-



Rasgando a fantasia

mam nosso caldo cultural. Logo, pisando com pés de barro, o grupo tinha mesmo que derreter no meio de tanta água.

A ex-ministra não construiu bases para a sustentação de suas idéias. Queimou as relações com as instituições políticas, escanteou o setor produtivo e afastou o governo de amplos segmentos. Não poderia mesmo promover as mudanças estruturais a que se propunha, pois só em regimes totalitários seria possível uma reforma de base sem o menor apoio social e político. De sua gestão sobram planos impactantes, um confisco de US\$ 85 bilhões dos bolsos dos contribuintes, a maior queda do PIB (4,6%), um milhão de desempregados em São Paulo, tarifas, uma queda drástica, porém artificial, da inflação e um conjunto de reformas que mexeram com feudos e tradições. Ficam profundamente registrados, também, o charme pessoal de uma mulher apaixonada, o estilo semijuvemil de uma equipe prontinha para embarcar em projetos aventureiros e uma despedida espetacular, bombasticamente amplificada por fanfarras emotivas, glamourizadas pela mídia e destinadas a fazer a terraplenagem política da ex-ministra.

Isso mesmo. Zélia está saindo com uma inflação artificialmente contida, que explodirá nas mãos do ministro Marcílio Marques Moreira nos próximos meses. Como o brasileiro vive de momentos, Zélia vestirá o traje de heroína, Marcílio, o de vilão. Em sua condição de mulher e paulista, arrumará os sonhos que

Erundina está desfazendo e, no papel de vítima da grande trama, surgirá abençoada por corações compadecidos e mentes acostumadas a esquecer o passado. Estará, naquela altura, afiada para cavalgar o cavalo quercista à Prefeitura de São Paulo, navegar no caudal brizolista ou mesmo assobiar o canto tucano.

Um país real é bem melhor que uma quimera. Veremos novamente o País inflacionário, atordoado, pressionado, mas a realidade é mais conveniente que a fantasia. Pois qualquer melhora do doente será consequência de tratamento gradual, não de morfina aplicada emergencialmente. Dó país de Marcílio desaparecerão anestésicos de alto efeito passageiro. Refaz-se a cara do País cordial, ainda muito torto, mas disposto a se aprumar. Desfaz-se o País azedo, petulante e onisciente.

O governo ganha ao encontrar o fluxo natural. A administração poderá ser mais homogênea, sem descompassos e atritos. Os credores externos apressarão a negociação da dívida. Os setores médios ficarão aliviados por verem afastada a possibilidade de novos confiscos. A retomada gradual do crescimento funcionará como alento. Se a base da política econômica continuar, será até possível estabilizar o índice inflacionário. Como se vê, a saída de Zélia foi a equação correta para a adequação do País à sua identidade.

□ Gaudêncio Torquato, jornalista, é professor titular da USP e analista político